



## A civilidade na crise e a gratidão

Benedicto Ismael Camargo Dutra (\*)

*A civilidade é mais que educação; é a postura interior. Civilidade não é apenas boas maneiras*

É a capacidade de agir com dignidade e gratidão pela oportunidade da vida, mesmo quando o mundo está em crise generalizada. É recusar a lógica do “cada um por si”. É não explorar o medo alheio. É não buscar vantagens às custas da fragilidade do outro. É manter a integridade e serenidade quando tudo ao redor parece instável.

Simbolicamente, o cerne dos cavaleiros do Apocalipse é a balança da justiça que está pendendo para o lado escuro da humanidade, em decorrência de suas próprias escolhas, o que representa o falhar daqueles que se detiveram nas ninharias da vida, em vez de buscar o desenvolvimento do espírito, e nisso foram criadas as condições para o caos que se aproxima. Nesse meio, muitos encontrarão o caminho que eleva, caso se esforcem para isso.

Enquanto não sentirem a vontade de trilhar um novo caminho com uma sintonização voltada para o bem geral e para o aprimoramento moral e espiritual, as dificuldades continuarão crescendo. Como levar avante uma civilidade em tempos de crise, e que não esconda a dureza da realidade? Como direcionar essas informações ao povo em geral?

Vivemos um período em que a humanidade parece ter chegado ao limite de seus próprios caminhos. Pandemias, guerras, instabilidade econômica, crises ambientais e tensões sociais revelam algo que vai além dos fatos: mostram que perdemos a sintonia com aquilo que sustenta a vida em comum.

Durante milênios, avançamos em ciência, tecnologia e poder material, mas abandonamos algo essencial: a capacidade de usufruir com gratidão a existência consciente que nos foi dada, contribuindo para o bem geral do ambiente em que vivemos. Como escreveu Abdruschin, Na Luz da Verdade: “o ser humano desconhece a jubilosa gratidão de usufruir de modo alegre a existência consciente que lhe foi dada, coparticipando na grande Criação para o bem de seu ambiente.”

Essa ausência de gratidão e responsabilidade interior se manifesta hoje em todos os níveis: na política, na economia, nas relações sociais e até na vida íntima das pessoas. O resultado é um mundo que parece sempre à beira do colapso, onde cada crise se soma à anterior e onde a sensação de insegurança se tornou permanente.

Mas não estamos condenados a repetir esse ciclo. A mudança começa no bom querer. Nenhuma reforma política, nenhum plano econômico e nenhuma liderança será suficiente enquanto o ser humano não desejar, de forma sincera, trilhar um novo caminho. Um caminho baseado em liberdade para decidir, responsabilidade pessoal, respeito e consideração ao outro, cooperação, verdade, sobriedade, consciência moral, e compromisso com o bem comum e a continuada busca de melhores condições de vida e aprimoramento da espécie. Sem essa base, qualquer sistema desmorona.

As famílias, escolas e profissionais de saúde têm de formar pilares de equilíbrio. Num tempo de ansiedade coletiva, esses três núcleos precisam caminhar juntos. Precisamos de famílias que conversem, acolham e orientem; de escolas que ensinem os conteúdos adequados ao bom preparo para a vida, mas também autocontrole, empatia e pensamento crítico; de profissionais de saúde que compreendam o impacto emocional das crises e ajudem a sociedade a não sucumbir ao pânico. Sem essa rede, a população fica vulnerável a discursos de ódio, manipulação e desespero.

As instituições e a economia requerem responsabilidade compartilhada. Governos, empresas, bancos, escolas e cidadãos precisam agir com sobriedade. Não é tempo de oportunismo. É tempo de transparência, prudência, cooperação, respeito aos limites e compromisso com a estabilidade social. A economia não é um jogo de vencedores e perdedores; é o sistema equilibrado que deve sustentar a vida de todos.

Falta um alarme, um chamado à sintonização correta. O mundo não mudará apenas com leis, decretos ou eleições. Ele mudará quando cada pessoa decidir alinhar sua vontade ao bem geral, ao aprimoramento moral e ao respeito pela vida. Essa sintonização não é abstrata. Ela se expressa em cada gesto, cada escolha, cada palavra tudo unido, voltado para o bem geral.

É possível viver com dignidade mesmo em tempos difíceis. É possível reconstruir a confiança e criar uma cultura de paz, responsabilidade e verdade. Mas isso exige que cada um de nós desperte para a grandeza e a responsabilidade de ser humano diante da grandiosa finalidade da vida para nos tornarmos bons fatores do planeta que constroem um futuro cada vez melhor.

(\*) - É graduado pela Faculdade de Economia e Administração da USP. Coordena os sites <https://vidaeaprendizado.com.br/> e <https://library.com.br/home/>. E-mail: [bicdutra@library.com.br](mailto:bicdutra@library.com.br).

## Por que as empresas têm dificuldade para contratar profissionais de TI

Mesmo com o mercado de tecnologia em constante expansão, empresas brasileiras ainda enfrentam alguns desafios na hora de preencher vagas no setor

De acordo com a pesquisa “Mercado de Trabalho Tech: Raio-X e Tendências”, desenvolvida pela Ford em parceria com o Datafolha, 98% das empresas relatam dificuldade em encontrar profissionais qualificados.

Entre os principais obstáculos estão a falta de capacitação técnica, apontada por mais da metade dos entrevistados (54%), além de lacunas em habilidades comportamentais, como inteligência emocional (36%), pensamento crítico e capacidade de resolução de problemas (33%).

Para Gilberto Reis, COO da Runtalent, empresa líder em soluções digitais e especializada em consultoria de TI, seleção e recrutamento, o cenário é reflexo de um mercado em constante transformação. “As empresas têm demandado perfis cada vez mais específicos, muitas vezes ligados a tecnologias emergentes, como inteligência artificial e análise avançada de dados. O problema é que a formação desses profissionais não acompanha esse ritmo, o que cria um funil cada vez mais estreito na contratação”, afirma.

Parte desse gargalo pode estar relacionada à formação. Dados da Associação



das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação e de Tecnologias Digitais (Brasscom) mostram que, em 2023, os cursos superiores formaram 89,7 mil alunos em tecnologia, enquanto os técnicos somaram 16 mil no mesmo período. Já os cursos de curta duração (FICs) certificaram 73,6 mil pessoas.

Ainda de acordo com a Brasscom, entre 2019 e 2024, a necessidade do mercado de Tecnologia, Informação e Comunicação (TIC) foi de 665.403 profissionais, entretanto, apenas 464.569 se formaram entre 2018 e 2023. “Muitas oportunidades ainda exigem diploma de ensino superior, o que exclui candidatos que vieram por outras trilhas de formação. Além disso, outros fatores que podem pesar são a proficiência em inglês exigida em diversas vagas, especialmente em empre-

sas com atuação global, e a ausência de atualização contínua, já que o setor exige aprendizado constante”, explica Reis.

Essa atualização contínua também envolve o acompanhamento do cenário global e de seus impactos no setor de tecnologia. Eventos recentes, como tensões geopolíticas no Oriente Médio, além de mudanças regulatórias e avanços em inteligência artificial, influenciam diretamente a demanda por determinadas habilidades e soluções digitais. “Hoje, o profissional de TI precisa acompanhar o que está acontecendo no mundo. Movimentos geopolíticos, por exemplo, podem impactar desde a segurança da informação até a priorização de investimentos em tecnologia. Quem entende esse contexto sai na frente”, orienta.

O especialista destaca ainda que buscar cursos - inclusive em plataformas gratuitas -, consumir conteúdos especializados e participar de fóruns, comunidades e eventos da área são estratégias fundamentais. “Não se trata apenas de adquirir conhecimento, mas de se manter ativo no ecossistema de tecnologia, ampliando repertório e construindo networking, que muitas vezes é determinante para acessar novas oportunidades”.

Além disso, é importante que o profissional tenha boa capacidade interpessoal para interagir com clientes e colaboradores de outros setores. “Ainda existe o mito de que o profissional de TI trabalha de forma isolada, mas isso não corresponde à realidade. As empresas buscam cada vez mais pessoas capazes de se comunicar bem, colaborar em equipe e dialogar com áreas de negócio. Soft skills deixaram de ser um diferencial e passaram a ser um requisito básico”.

Por fim, o especialista ressalta que características como proatividade, autonomia e inteligência emocional têm se destacado nos processos seletivos. “Candidatos que demonstram curiosidade e iniciativa, além da disposição para evoluir, tendem a se destacar nas seleções”.

## Temporada de relatórios ESG obrigatórios pode revelar quem é sustentável de verdade

Com novas regras em vigor em 2026, empresas passam a ser cobradas por dados auditáveis e cresce a necessidade de atenção com o tema para que possam ser evitados riscos reputacionais, dentre outros

O Brasil vive, neste momento, um grande teste da agenda de sustentabilidade no ambiente corporativo. Após a entrada em vigor, em 1º de janeiro de 2026, das novas exigências para divulgação de informações ambientais, sociais e de governança, empresas de capital aberto começam a publicar seus primeiros relatórios ESG sob padrões mais rígidos e comparáveis. A chamada “temporada de relatórios”, que se intensifica entre março e maio, marca uma mudança estrutural. O que antes era, em grande parte, voluntário, agora passa a ser tratado como obrigação regulatória com impacto direto sobre o mercado financeiro.

Na prática, a padronização dos dados e a exigência de maior transparência coloca as companhias sob um novo nível de escrutínio. Se antes era possível destacar iniciativas pontuais como demonstrativo de compromisso ambiental, agora os relatórios precisam refletir a operação real dos negócios, com indicadores mensuráveis e passíveis de comparação. O movimento também amplia o risco de exposição de práticas de greenwashing situação quando empresas exageram ou distorcem suas ações relacionadas a sustentabilidade.

Para o diretor da Clam Sustentabilidade e vice-presidente da Sociedade Mineira de Engenheiros (SME), José Cláudio Nogueira Vieira, o momento representa uma virada definitiva na forma como o tema é tratado no país. “Os relatórios agora serão muito mais padronizados e comparáveis. Não é mais possível apresentar ações isoladas como se fossem uma estratégia de sustentabilidade”, afirma.

Segundo ele, a principal mudança está na conexão entre discurso e prática. “O que a empresa declara precisa refletir o que acontece na produção, na indústria, no campo. Não há mais espaço para um discurso desconectado da operação real”, diz.

Além da pressão reputacional, a nova fase do ESG traz um componente ainda mais sensível para as empresas, que é o acesso a crédito. Instituições financeiras passaram a incorporar critérios ambientais e de governança na análise



de risco, o que transforma a sustentabilidade em fator determinante para expansão dos negócios.

“Empresas que querem crescer vão precisar cada vez mais atender a critérios ambientais, caso contrário, o acesso a financiamento fica mais difícil e, em alguns casos, nem acontece”, afirma Vieira.

Esse movimento acompanha uma tendência global e ganha força no Brasil com a criação de instrumentos como o mercado regulado de carbono e a adoção de padrões internacionais de divulgação. Na prática, o ESG deixa de ser apenas uma agenda institucional e passa a integrar a lógica econômica das companhias.

Um dos principais desafios, segundo o especialista, é justamente romper com a separação ainda comum dentro das empresas entre áreas de sustentabilidade e operação. “Muitas organizações ainda tratam sustentabilidade como algo à parte, com um departamento específico. Essa lógica não se sustenta mais! A tendência é integrar tudo ao negócio”, explica.

A mudança, embora complexa, é considerada inevitável. Com investidores mais atentos e regras mais claras, o mercado passa a diferenciar, com maior precisão, empresas que efetivamente incorporam práticas sustentáveis daquelas que apenas comunicam iniciativas pontuais.

“Estamos vivendo um grande teste real do ESG no Brasil. O mercado vai começar a separar quem faz de quem só fala”, conclui Vieira.